



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**JANIRA PAULO VALENTÃO**

**MEMÓRIA E TRADIÇÃO NA CULTURA MANDJACO, EM GUINÉ-BISSAU:  
AS RAÍZES E OS RITOS DA CERIMÔNIA DE “FINKA FIRKDJA”,  
NA TABANCA DE BACHIL**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2025**

**JANIRA PAULO VALENTÃO**

**MEMÓRIA E TRADIÇÃO NA CULTURA MANDJACO, EM GUINÉ-BISSAU:  
AS RAÍZES E OS RITOS DA CERIMÔNIA DE “FINKA FIRKDJA”,  
NA TABANCA DE BACHIL**

Trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Lúzio Matos Silva.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2025**

**JANIRA PAULO VALENTÃO**

**MEMÓRIA E TRADIÇÃO NA CULTURA MANDJACO, EM GUINÉ-BISSAU:  
AS RAÍZES E OS RITOS DA CERIMÔNIA DE “FINKA FIRKDJA”,  
NA TABANCA DE BACHIL**

Trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentado ao Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 27/05/2025.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Jorge Lúzio Matos Silva (Orientador)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Juliana Barreto Farias**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Peti Mama Gomes**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1</b>	Mapa político da Guiné-Bissau	10
<b>Figura 2</b>	Representações de ancestrais (Baluguns)	21
<b>Figura 3</b>	Cultura Material - Símbolos de Baluguns	21
<b>Figura 4</b>	Registro de Firkidjas (esculturas)	22
<b>Figura 5</b>	Registro de Baluguns em Bachil	22

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>6</b>
<b>2</b>	<b>CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA GUINÉ-BISSAU</b>	<b>8</b>
<b>3</b>	<b>ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DOS MANDJACOS</b>	<b>10</b>
3.1	UMA DESCRIÇÃO DA CERIMONIA FINKA FIRKIDJA	14
<b>4</b>	<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>16</b>
<b>5</b>	<b>HIPÓTESES E PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA</b>	<b>17</b>
<b>6</b>	<b>OBJETIVOS</b>	<b>18</b>
6.1	GERAL	18
6.2	ESPECÍFICOS	18
<b>7</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>18</b>
7.1	FINKA FIRKIDJA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E SABERES TRADICIONAIS	20
<b>8</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>23</b>
<b>9</b>	<b>CRONOGRAMA</b>	<b>24</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente projeto busca investigar as raízes e os significados da cerimônia "Finka Firkidja" da cultura Mandjaco, na tabanca (comunidade) de Bachil, localizada na Região de Cacheu, Norte da Guiné-Bissau. A delimitação temporal será demarcada a partir do trabalho de campo, voltando-se aos períodos mais recentes, a ser definida *a posteriori*, paralelamente e de acordo com os levantamentos que serão realizados junto aos entrevistados. Os mandjacos são conhecidos pelas suas diversas práticas culturais, o que inclui ritos, cerimônias e costumes que orientam a vida dos indivíduos. Como em qualquer sociedade, os mandjacos possuem regras e princípios que guiam a sociedade do ponto de vista político, religioso, social e cultural, e que organizam as suas convivências do cotidiano. Com isso, o nosso projeto de pesquisa objetiva compreender os princípios culturais da cerimônia Finka Firkidja do povo Mandjaco de Bachil, tentando entender de que maneira essa cerimônia contribui na formação da identidade cultural desse povo, sua coesão social dentro da comunidade, além da preservação da memória e dos saberes tradicionais para as novas gerações.

Na Guiné-Bissau os diversos grupos étnicos tem diferentes formas de manifestar sua espiritualidade, baseados nos meios que usam para a sua realização. Sendo assim, no grupo social Mandjaco, os rituais servem para marcar as fases da vida de um indivíduo, e no seio desta riqueza cultural está a cerimônia "Finka Firkidja", que é uma prática cultural que consiste num ritual de criação de esculturas para a elaboração de uma imagem, denominada "Firkidja", como representação de um/uma ancestral já falecido/a, e que deixou o seu legado no mundo dos vivos, ou seja, em sua comunidade de origem. Após a morte, os familiares e o seu grupo social, entendem que o ancestral "exige" que a sua existência não seja esquecida, e que seja cultuada através de uma Firkidja. Segundo as tradições orais, a escultura/objeto de representação (cultura material), será o vínculo de comunicação entre os dois mundos do ancestral com os seus descendentes no mundo físico. A Firkidja confeccionada (elaborada, esculpida) torna-se um objeto de veneração, uma forma de reconhecimento e de preservação da memória dos antepassados, a serem honrados por todos.

Para Einstein (2011) as esculturas africanas, à exemplo das firkidjas, nos propósitos da cultura mandjaco, devem ser compreendidas levando em consideração aspectos das religiosidades.

As obras esculpidas são veneradas tal como o foram por todos os povos da Antiguidade. O executante realiza sua obra como se ela fosse a divindade ou seu

guardião, isto é, desde o início ele preserva uma distância da obra que é o deus ou seu receptáculo (Einstein, 2011, p. 41).

Durante esta cerimônia, a comunidade se sente renovada e viva porque algumas pessoas pertencentes daquela família se fazem presentes nos ritos, tanto os que estão próximos, quanto os que moram em outras regiões do país, ou os que vivem no estrangeiro. No princípio era uma expectativa ou dever, a presença dos membros da família, sobretudo dos filhos e sobrinhos em caso de um pai da família. Mas atualmente nem todos os membros da família participam da cerimônia, por dificuldades de deslocamentos, incluindo os processos migratórios. A cerimônia permite celebrar os vínculos e o encontro das gerações dentro da comunidade (tabanca).

A cerimônia Finka Firkidja não marca, meramente, a passagem de fase da vida dos vivos, mas vai além, pois consiste na valorização e no reconhecimento dos familiares que estão em “outro mundo”. Nesta percepção a consciência é de que a alma é imortal, ou seja, a cerimônia demonstra uma ligação permanente entre os vivos e os mortos, por isso, os entes falecidos precisam destes ritos para se sentirem respeitados e para poderem descansar em paz. Segundo o historiador, Phillippe Ariès (2012), que entre os seus estudos trabalhou com o tema da Morte, esses fenômenos e tradições estão presentes em diversas culturas e sociedades, à exemplo dos Astecas, no México<sup>1</sup>, embora na História da África, as investigações devam considerar as suas próprias especificidades e os seus conceitos.

Para a tradição mandjaco, quando uma pessoa transita para um outro mundo, chega o momento em que, já como ancestral, exige o seu culto através de Ptchap<sup>2</sup>, uma forma de representação. A Finka Firkidja, enquanto cerimônia que se caracteriza pelo uso de representações em cultura material, envolve diferentes processos rituais, começando com o chamado de um ou uma ancestral por meio de sinais, como sonhos, acidentes inesperados, entre outros. Todos esses sinais são geralmente interpretados como mensagens para que se realizem certas cerimônias de culto. O aparecimento de um ancestral, através dos sinais, pode ocorrer também através de um caso de adoecimento de um familiar, ou de uma criança da *morança*<sup>3</sup> (moradia) da família. O sinal de uma doença infantil, compreendendo que a criança

<sup>1</sup> ARIÈS, Phillippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

<sup>2</sup> Ptchap é a representação do espírito de um ancestral que deixou um legado no mundo dos vivos. É comum entre os mandjacos ver essas representações elaboradas em troncos de árvores para os fins do culto. São fixadas no solo, na varanda ou no pátio da casa para homenagear os antepassados. Na língua mandjaco, “ptchap” relaciona-se à palavra “forquilha”, na língua portuguesa, um instrumento ou utensílio produzido a partir de um graveto de madeira, onde se fará a representação/imagem. “Firkidja” tem relação com a palavra “forquilha”, em crioulo Guineense. Por vezes usa-se também a grafia “itchap”, para referir-se à coletividade ancestral.

<sup>3</sup> Morança (ou Blaie) é a residência maior onde se juntam todas as pessoas que compõem a família. Tem uma estrutura retangular ou quadrada dependendo da preferência dos membros durante a construção, e tem um forte

é considerada o futuro da família, gera mais atenção por parte dos adultos a se preocupar em protegê-la. Nestes casos realiza-se também a “Napéné” (ou Bapene)<sup>4</sup>, com pessoas de diferentes conhecimentos, à exemplo de um curandeiro (a) ou de um médico (a) tradicional. Conforme Mendes (2017, p. 23-24), a cerimônia é entendida como um ato em que os Balugum (ancestrais) de uma determinada família elegem alguém dentre seus membros, para servir de intérprete das falas dos espíritos para os humanos. Evidentemente, os que fazem esta cerimônia são os próprios Bapene (videntes), visto que só estes estão aptos para fazerem a interpretação das falas dos ancestrais. Após o processo de consulta à Napéné, se a resposta for afirmativa, entende-se que deve ser feita a cerimônia de Finka Firkidja. Depois dessa cerimônia inicia-se um ciclo de veneração, que inclui, a apresentação de oferendas, orações e pedidos de proteção para a família ou o seu grupo.

## 2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA GUINÉ-BISSAU

A Guiné- Bissau está situada na África do Oeste, e foi colônia de Portugal. Com uma dimensão territorial de 36.125km<sup>2</sup>, delimitada ao norte pela República do Senegal e ao sul pela República de Guiné-Conakry, de acordo com Isnaba Ano Mendes (2023), o país é identificado como um Estado com um enorme mosaico étnico<sup>5</sup>. Os diferentes grupos étnicos estão distribuídos por todas as regiões, sendo que cada grupo possui a sua própria língua, um modo de ser e características culturais próprias que os identificam. São faladas em média 27 línguas étnicas, além do português como a língua oficial do país e o crioulo guineense, uma língua de unidade nacional.

O território guineense administrativamente está dividida em oito regiões: Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabú, Oio, Quinara e Tombali, e o setor autónomo de Bissau. A costa Oeste do país é banhada pelo Oceano Atlântico e na parte insular encontram-se os arquipélagos dos Bijagós, com cerca de 90 ilhas das quais 17 habitadas (Ntchal Cá, 2019). Além disso, Mendes acrescentou que na província do Norte estão Biombo, Cacheu e Oio; na

---

significado, pois todos os problemas da família se resolvem nesse lugar. A residência é comandada pelo chefe da família, tantos nas reuniões como nas cerimônias.

<sup>4</sup> Napéné ou Bapene é uma cerimônia em que, após a sua realização, uma pessoa torna-se vidente, apta a dar consultas ou curar doenças.

<sup>5</sup> MENDES, Isnaba A. **O crioulo e contatos linguísticos na Guiné-Bissau**. 2023. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2023.



provincia do Leste temos a Bafatá e Gabú, e na provincia do Sul estão Bolama dos Bijagós, Quinara e Tombali. (Mendes, 2017, p. 14).

Segundo o mesmo autor, em termos da historiografia sobre o país, a atual Guiné-Bissau pertenceu ao Império do Mali, e persistiu assim até o século XVIII. Destaca-se que:

No século XIII os Mandingas vindos do Mali conquistaram as duas atuais regiões da provincia do Leste e instalaram o império de Gabu sob administração do Mali, que mais tarde no século XV ganhou autonomia. Já no século XIX, este reino foi contestado pelos Fulas, numa batalha bem lembrada por muitos guineenses como “batalha de Kansala”. O reino foi levado à submissão do império Fula e sua hegemonia e influência propagada para outros reinos da Guiné, até finais do século XIX e começo do XX (Mendes, 2017, p. 14).

“O modo de vida era fundado basicamente na agricultura, mas também no pastoril, na pesca e na caça. O sistema agrícola era baseado na “rotação dos solos” (Cá, 2000, p. 2). De salientar que, a Guiné-Bissau tem um clima tropical, caracteristicamente quente e úmido. Há duas estações distintas: a estação da chuva e a estação seca. A estação das chuvas estende-se de meados de maio até meados de novembro, e a estação seca corresponde aos restantes meses do ano.

Segundo Isnaba Ano Mendes, existem muitos grupos étnicos, todos eles com as suas histórias próprias e os seus modos de viver. Durante a colonização portuguesa, iniciada entre os séculos XV e XVI, e intensificada ao longo dos séculos XIX e XX, em meio a períodos de tensões e conflitos, até que houvesse a descolonização no ano de 1973, a ocupação europeia na Guiné-Bissau foi sustentada, até um certo ponto, pelas próprias autoridades étnicas locais que haviam já criado uma certa organização social monárquica que permitisse o estabelecimento de relações com os portugueses e a sua consequente hegemonia político militar sobre todo o território, em meio aos processos que desdobraram-se com a independência. (Cá, 2000).

**Figura 1** - Mapa Político da Guiné-Bissau



Fonte: rotas de Viagem<sup>6</sup>.

### 3 ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA DOS MANDJACOS

Em toda a África do Oeste, as diversas comunidades e suas matrizes étnicas locais, como no caso dos mandjacos, são constituídas por famílias extensas ou alargadas. Conforme Virginio Vicente Mendes (2017), são sociedades patriarcais, com destacado senso de coletividade e que prestam culto aos antepassados com filiação e descendência patrilinear. Leister (2012) por sua vez informou que “nestas sociedades horizontalizadas prevalece o tipo de família patriarcal. O ‘indivíduo’ cede lugar ao grupo familiar – ‘coletivo’ – em que todos os membros mantêm íntima ligação entre si e as práticas culturais são mantidas, principalmente, o culto aos antepassados”<sup>7</sup>

O povo Mandjaco é, predominantemente, praticante das religiões tradicionais africanas, e no que se refere ao conhecimento religioso, envolve as cerimônias e ritos que constituem

<sup>6</sup> Disponível em: <https://goolnk.com/8vIXg8>. Acesso em: 20 abr. 2025.

<sup>7</sup> LEISTER, Fátima Cristina. **Um prefácio a povos da Guiné-Bissau**: o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (1946-1973). 2012. 210 f. Dissertação de Mestrado em História, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Antonieta Antonacci. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

elementos da organização social. São cultivadores de arroz, batata, mancarra (amendoim) e entre outros produtos. Também vivem de caça, pesca e criação de animais domésticos para aproveitar os seus produtos como carne, leite, pele, etc... No seio dos mandjacos existe a prática do trabalho coletivo em que desenvolvem atividades cotidianas para ajudar as pessoas necessitadas. Segundo Costa (2022) os mandjacos vivem em comunhão, quer dizer, quando acontece algum evento na tabanca, sendo bom ou ruim, eles se juntam para dar apoio em tudo o que for necessário, a exemplo, de uma situação de desgosto, quando as pessoas apoiam-se umas às outras, como é caso dos funerais. Usam-se tecidos de pinti, (o pano de pinti) que é traje tipicamente dos mandjacos, e usado em outras cerimônias, como casamentos, investidura do Régulo, consagrações de Bamanha (sacerdote), e demais cerimônias fúnebres e de Napené (adivinhador). Se desenvolve também esse apoio mútuo nos trabalhos de campo, na lavoura e em outros trabalhos comunitários.

No que tange a língua, é muito importante para este grupo social a comunicação, conforme explicou Lazarinho U. Mendes (2024). A fala constitui uma forte relação de afeto entre os falantes, fazendo com que todos se vejam como parentes, famílias e amigos<sup>8</sup>. Embora os processos de migração tragam influências de outros grupos sociais como fulas, pepeis, felupes, entre outros, fazendo com que estes integrem e aprendem seus modos de vida e principalmente a língua.

Nesse sentido, o aspecto linguístico é fundamental para a educação dos filhos, e é quase obrigatório saber falar em mandjaco. Raramente encontra-se um menino (a) mandjaco que não saiba falar em sua língua, porque são ensinadas a falar desde crianças, e não importa o local em que eles estejam, seja na Guiné-Bissau ou no estrangeiro. O que significa que, a língua é um instrumento que serve para preservação da identidade cultural. Além disso, o Mandjaco é a língua usada nas cerimônias e nos ritos para se comunicar com os ancestrais, sendo o único meio para falar na língua que o ancestral falava na terra. Mendes (2024, p. 9).

A comunidade mandjaco tem um funcionamento político estruturado desde a antiguidade na figura do régulo, uma pessoa importante entre os mandjacos que além de ser líder, participa dos rituais religiosos, sendo em muitos casos protagonista. Ademais assume papel de pai de muitas pessoas, visto que ajuda nos alojamentos das pessoas desabrigadas. Conforme os dados de IMVF (2011).

---

<sup>8</sup> MENDES, Lazarinho Umuã. **O Balugun no processo ritual dos Mandjacos de Calequisse na Guiné-Bissau.** 2024. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2024.

O Régulo é o responsável por todas as atividades e preservação dos valores humanos, protegendo a justiça familiar na comunidade do seu regulado. Garante a segurança, saúde, educação e felicidade a todos os elementos que fazem parte do seu território, trabalhando de acordo com todas as normas estabelecidas pelo Conselho de Velhos. O Régulo nunca pode violar os princípios sagrados da sua autonomia local, matos sagrados (matu malgós), irãs e períodos de manifestações religiosas, sagradas, místicas, culturais e agrícolas. O Régulo nunca autoriza a venda do seu território, mudança de regime, nem se pode proclamar o detentor de todo o poder sem consultar o Conselho dos Velhos (IMVF, 2011, p. 61).

Os mandjacos já tiveram uma organização política, econômica e social numa forma de associação nos períodos antes do contato com os portugueses, em que os régulos tiveram um forte poder na comunidade, servindo de governadores, mediadores de conflitos e responsáveis pelos alguns rituais da comunidade. Mesmo tendo esses poderes não atuavam sozinhos, e tiveram uma estrutura organizacional que os ajudavam em certas tomadas de decisões. Além disso cada tabanca tem um chefe local, além dos anciãos que compõem a estrutura organizacional, e organizações dos jovens e das mulheres que se firmam em prol do desenvolvimento da comunidade, como destacou Mendes (2024).

Com base nessa assertiva, o presente trabalho será centralizada especificamente nesse grupo social mandjaco que se localiza na secção de Bachil, região de Cacheu, situada na zona norte do país. Embora a presença de outros grupos de mandjacos esteja localizada em demais lugares, a maior parte da população da região de Cacheu pertence ao grupo Mandjaco, com a exceção do sector/município de São Domingo, um povoado majoritariamente marcado pelo povo/grupo Felupes, além do sector de Bigene e de Bula, mais povoado pelos Brames<sup>9</sup>.

De acordo com Paulina Mendes (2014, p. 12), durante a época colonial, tanto Bachil como Tchur-Brique albergaram militares portugueses, tendo tido quartéis. Estas duas tabancas do subgrupo de Tchur ficaram desabitadas, tendo-se deslocado alguns dos seus habitantes para a floresta de Cobiana, enquanto outros se refugiaram no Senegal e na Gâmbia. Contudo, antes do fim da guerra, a tabanca de Tchur-Brique foi repovoada pouco a pouco pelos mandjaco de Tchur, tanto pelos originários de Tchur-Brique como pelos de Bachil que iam sendo capturados pelos portugueses na floresta de Cobiana, para onde se tinham deslocado.

Como salienta Mendes (2014):

Com a independência, a comunidade de Tchur originária de Bachil regressou à sua tabanca. Esta deslocação forçada tanto dos habitantes da tabanca de Tchur-Brique como dos de Bachil, levou à perda do seu gado e de alguns dos seus valores, diferentemente dos seus vizinhos de Babok e particularmente de Utia-Côr, que nunca precisaram de sair da sua tabanca, que se localiza a menos de um quilómetro do centro

---

<sup>9</sup> Brames é uma etnia da Guiné-Bissau que habita na região de Cacheu, e que parte do mesmo tronco linguístico dos mandjacos e pepeis.

da cidade de Canchungo. A cidade de Canchungo albergava igualmente um contingente de militares portugueses cujo quartel era de grandes dimensões (Mendes, 2014, p. 12).

Por outro lado, a autora também apontou que depois da independência, nos anos de 1980, a tabanca de Bachil tornou-se um grande centro de formação de extensionistas, tendo se beneficiado de um grande projeto de desenvolvimento rural implementado pelo Ministério de Agricultura. Mais tarde esta tabanca recebeu um investimento holandês com o qual foi implementada uma fábrica que confeccionava artigos feitos em pele. Em 1991 foi a localidade escolhida para receber os refugiados vindos da guerra de Casamansa pelo então presidente do comité de Estado da região de Cacheu. Em 2012 foi instituída nesta localidade uma escola de formação de professores pelo Ministério da Educação. (Mendes, 2014, p. 13)

A comunidade Mandjaco, é um dos grupos sociais com muitas performances culturais, graças às diferentes práticas cerimoniais das quais “Toka Tchur” é uma delas, e que é destinada aos Balugum. De acordo com Mendes (2024), este ritual é comum entre os mandjacos, e que decorre em duas fases: na primeira fase do ritual, podendo ser realizada imediatamente a seguir ao funeral se a pessoa falecida/o é novo/a, é feita para reunir família e amigos no momento de despedida da pessoa falecida. Nesse ritual é oferecido água, bebidas alcoólicas, de preferência vinho palmo<sup>10</sup>, e sacrifício de cabra para acompanhar o malogrado.

A segunda fase do ritual é realizada após alguns meses ou anos depois da morte, por isso requer um maior recurso económico por parte da família. Atualmente, devido a conjuntura social, cada família passou atribuir outro significado no que diz respeito a homenagem do falecido. Agora é possível nessa fase juntar várias pessoas para um ambiente de comemoração e de lembranças do ente querido, portanto, é possível observar numa única cerimônia o sacrifício de duas ou mais vacas e uma grande quantidade de vinho palmo e outras bebidas, dependendo da condição económica da família.

Sagundo Paulina Mendes (2014), entre as comunidades de Tchur Bachil, Babok e os demais registam-se pequenas diferenças em relação à concretização desta cerimônia, destacando-se o aspecto repetitivo como elemento diferencial mais marcante entre as duas comunidades. Para as comunidades de Babok e especialmente para a de Utia-Côr/Reino, a cerimônia de Toka Tchur, em homenagem a um membro da família já falecido, pode ser

---

<sup>10</sup> O vinho palmo é uma bebida alcoólica obtida a partir da fermentação, e extraída de palmeiras. Em certos países de África é a principal bebida em atividades culturais e em festas tradicionais como casamento, e reuniões dos anciãos de uma aldeia.

repetida várias vezes de acordo com a condição financeira dos membros familiares, enquanto que nas comunidades de Tchur e em particular de Bachil ela é realizada apenas uma vez.

### 3.1 UMA DESCRIÇÃO DA CERIMONIA FINKA FIRKIDJA

A Firkidja é parte de um tronco ou galho de uma árvore muito resistente, e que não pode ser facilmente desgastada por bactérias. O seu uso deve ser para fins de culto na veneração dos Balugum (ancestrais). Confirmando o exposto por Mendes (2024), um Balugum representa o símbolo da espiritualidade e tem um significado enorme para os mandjacos. Por isso a sua representação simbólica por meio de estatuetas e esculturas. A porção da madeira a ser transformada em Firkidja é definida por um escultor escolhido pela pessoa responsável pela escultura. Paulina Mendes (2014) por sua vez, explica que é uma escultura que representa o espírito do defunto em cada blai (linhagem). Antigamente, uma pessoa falecida de sexo masculino e casada, é que tinha o direito de ser representada por uma Firkidja depois da morte. Contudo, este direito é extensivo atualmente a outras categorias. Sublinha-se que entre as comunidades de Tchur este direito continua reservado aos homens, ao passo que entre as de Babok e os demais, a namaka (primeira esposa) também tem o direito de ser representada por uma Firkidja, após a sua morte<sup>11</sup>.

Sendo assim, segundo Luís Fernandes Júnior (2016), é uma honra que os filhos prestam aos seus pais depois de morrerem. Nos casos de pais ou mães que morrem sem ter filhos, nos costumes dos mandjacos, um irmão que tem condições e recursos, pode prestar a honra ao falecido. Entretanto as condições financeiras que podem determinar o culto, poderão vir de toda a irmandade (união), ou de toda a família (no sentido geral), que tem que doar a sua contribuição, inclusive aos que se encontram fora do lugar ou noutro território. Por outro lado, o autor destaca também que na realização desse culto através da participação de toda família, deve-se evitar exibição do poder econômico, no caso de não haver condições financeiras da realização da honra ao seu falecido (a/s).

---

<sup>11</sup> Importa realçar que entre os mandjacos de Tchur Bachil, uma pessoa falecida do sexo masculino e casada, é que tinha o direito de ser representada por uma Firkidja, depois da morte até os dias atuais. A categoria mulher foi excluída do direito à representação em firkidja, depois da morte. Esta situação patenteia a importância atribuída ao gênero da pessoa na organização social dos manjacos. De tal modo que cabe à comunidade mandjaco o acesso ou a interdição a determinados direitos. De acordo com Mendes (2014) a interdição explica-se pela posição marginal que a mulher ocupa nessa sociedade. Todavia, convém destacar a exceção em relação a esta interdição no subgrupo manjaco de Babok. Entre os manjaco de Babok a primeira esposa de um homem (namaka) pode ser homenageada com Firkidja depois de morrer.

Apesar das grandes desigualdades observadas em África, como reflexo da colonização, também percebe-se que na sociedade mandjaco, a divisão social não é só de gênero, mas também por idade / geração. Como algumas restrições entre os Mandjacos de Tchur (Bachil) que continuam a tirar estes direitos entre alguns homens, às mulheres e crianças. Conforme Mendes (2014), este preceito mostra quão é importante a questão da idade e do gênero nesse sistema organizacional, no que concerne a interdição de Firkidja para as crianças. Segundo essa concepção, estas não atingem ainda a maior idade, e não se pode testemunhar o que eles/as desempenharam durante a vida, ou seja, não passaram pelos rituais de transição ou pelo ritual de iniciação, consideradas como indispensáveis na cultura Mandjaco. Outra explicação é de que, se eles por falecerem tão novos, geram um sentimento de tristeza e de dor, uma vez que firkidja representa um símbolo de relação ou de comunicação com os que já partiram, portanto cultuá-las nas Firkidja causaria sentimentos de angústia. Por outro lado, na organização familiar da cultura Mandjaco, o homem é a figura principal, e é ele quem toma, na maioria das vezes, as decisões.

Os que ocupam campos políticos e sociais mais destacados são os homens, enquanto que mulheres são vistas nas ocupações da casa e certos espaços de forma muito limitado; por exemplo, nas tomadas de decisões quando assuntos são amargosos, nos períodos de kambatch; a participação das mesmas se vê na cozinha, ou nos lugares não amargosos, no trabalho de campo (agrícolas); algumas decisões da casa e na família “(menos importante)”, danças num lugar chamado pbomamn/bani distante do lugar onde os Bafuók (iniciados) ficam que é dentro do mato amargoso, nem se quer que elas saibam das mínimas condições dos filhos, netos, sobrinhos, esposos que se encontra nesse processo (Fernandes, 2016, p. 65).

Portanto, percebe-se que a desigualdade de gênero alastra-se, inclusive, na cerimônia Finka Firkidja, onde as mulheres de Bachil, não tem esse direito, de receber essa cerimônia. O autor ressaltou que as mulheres são pouco vistas nas instituições do poder tradicional ou da classe dos nobres, salvo a esposa do regulado, nomeada de Namaka. É notório que, nesta sociedade as mulheres não ocupam os cargos de grande responsabilidade política como régulo ou chefe de tabanca porque elas “não podem normalmente exercer o poder de decisão na tabanca”. Mas podem encarregar de decisão na tabanca, “quando são responsáveis por uma família autónoma”.

Nestes rituais invariavelmente acontecem sacrifícios de animais, e sobre este aspecto Mendes (2014) relatou que é “sacrificada uma cabra por cada petchap (Firkidja) ou uma vaca para muitos itchap”<sup>12</sup>..

A escolha dos animais específicos (cabra e vaca) se dá principalmente pela utilidade de um órgão característico, como afirma Mendes (2014) [...] “por sua pele servir de Umpam vestuário [...] para a pessoa falecida [...] no mundo do além” [...], porque antigamente estes pelos de animais eram usadas não só para confeccionar os instrumentos musicais que fazem presentes nos rituais, mas também como roupas que eram usadas pelos antepassados.

Fazendo o desfecho deste assunto, Mendes (2014) demonstra que “ petchap representa o elo da comunicação com os entes queridos, isto significa a lembrança em relação aos que já partiram”. Com a explanação da autora, pode-se perceber que a cerimônia Finka Firkidja tem os mesmos significados para os povos mandjacos, mas o que os diferenciam é a pessoa que deve ser cultuada Firkidja, exemplo disso os mandjacos de Tchur Bachil que a autora mencionou de que impedem as mulheres de usufruir dessa cerimônia, enquanto para os mandjacos de Calequisse e não só, tanto homens quanto mulheres são cultuadas. A parte comum entre os Mandjacos é a não cultuação para as crianças devido às razões anteriormente mencionadas.

#### **4 JUSTIFICATIVA**

O que impulsionou a minha escolha pelo tema foi por razão da minha experiência de vida como membro da comunidade Mandjaco. Ouvi por várias vezes falar da cerimônia Finka Firkidja no seio da minha família, e sempre tive curiosidade de entender os significados e práticas dessa cerimônia. Devido a estas inquietações é que surgiu o meu maior interesse em pesquisar sobre o tema, de modo a entender de maneira profunda a tradição.

Por outro lado me interessa pesquisar a cerimônia, como uma temática inovadora nos estudos em História e Antropologia, o que me permite compreender a "Finka Firkidja", não apenas como uma experiência cultural, mas como um dos componentes vitais da identidade Mandjaco. Além disso, pretendo conhecer os ensinamentos valiosos desse ritual e o que essa

---

<sup>12</sup> Nota da autora: De acordo com os relatos do meu primo Gilberto Pereira, consultado sobre o tema, para a elaboração deste trabalho, pude perceber que na cerimônia Finka Firkidja dos mandjacos de Bachil, é sacrificada uma vaca e uma cabra por cada petchap; se for 10 petchap numa cerimonia, deve-se sacrificar 10 vacas e 10 cabras.



cerimônia representa para o povo mandjaco, além de perceber o valores culturais do grupo social Mandjaco, uma vez que é pouco estudado ou discutido no âmbito acadêmico.

Também justifica-se pelo fato de não haver uma historiografia guineense com avanços consistentes sobre o nosso país. Neste sentido, este projeto pode ampliar as referências bibliográficas para futuros(as) pesquisadores(as) no processo de construção ou desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos, promovendo debates e estudos a enriquecer os conhecimentos sobre a África do oeste, tanto no campo científico, quanto para a sociedade guineense, sobre as raízes do povo Mandjaco.

No que tange a relevância social, acredito que este projeto também contribuirá como elemento informativo para a sociedade multiétnica da Guiné-Bissau, ajudando a população na compreensão da importância cultural dos mandjacos, além de suas manifestações e na preservação ou conservação do legado deixado pelos seus antepassados.

## **5 HIPÓTESES E PROBLEMATIZAÇÃO DA PESQUISA**

Partimos do pressuposto de que a Cerimônia Finka Firkidja, na concepção do povo Mandjaco, constitui basicamente o meio de reconhecimento dos valores daquela pessoa que morreu, com vista a adquirir a maioria social e religiosa perante a comunidade, pois é uma prática cultural que faz parte da organização social dos mandjacos desde tempos antigos até aos dias de hoje. Assim sendo, a cerimônia visa não somente homenagear os falecidos, mas valoriza-los porque eles são considerados protetores das pessoas na terra devido ao poder que detém após a morte, tornando-se capazes de garantir a prosperidade dos membros, segundo a tradição. Para maiores encaminhamentos, elaboramos algumas questões que irão nos orientar para a execução dessa pesquisa:

- Quais são os princípios ancestrais da cerimônia Finka Firkidja na cultura Mandjaco de Bachil na Guiné-Bissau?
- Como se dá a cerimônia Finka Firkidja e qual o seu significado para o povo mandjaco?
- Quais os desafios enfrentados pela comunidade Mandjaco de Bachil na preservação de cerimônias culturais?

## 6 OBJETIVOS

### 6.1 GERAL

- ❖ Compreender os princípios ancestrais e culturais da cerimônia Finka Firkidja do povo Mandjaco de Bachil.

### 6.2 ESPECÍFICOS

- Identificar os procedimentos ritualísticos da cerimônia Finka Firkidja do povo Mandjaco de Bachil;
- Entender de que maneira a cerimônia Finka Firkidja contribui na formação da identidade cultural do povo Mandjaco de Bachil;
- Identificar os desafios enfrentados pela comunidade Mandjaco de Bachil na preservação de cerimônias culturais.

## 7 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico, como parte do trabalho científico, consiste na consulta de obras de produção científica que possam dialogar com o tema da pesquisa. Sendo assim é necessário frisar que nas sociedades africanas, especificamente na Guiné-Bissau, os ritos são formas de organização sociocultural que orientam a vida dos indivíduos no seio de uma comunidade, na família e na sociedade em geral. No grupo social Mandjaco, assim como em outros grupos sociais, os rituais são celebrados para marcar mudanças de fases dos indivíduos dentro de uma determinada comunidade. Van Gennep afirma que:

[...] os ritos de passagem são realizados para dividir papéis sociais em universos altamente totalizados, onde as relações sociais tendem a uma multiplicação (são, nas suas palavras, “relações multiplex”) e todos se ligam com todos. Nestes sistemas, que caracterizam os sistemas tribais, a teia de relações sociais tem uma realidade maior do que o indivíduo, de modo que separar papéis é um ponto básico, realizado com o auxílio dos rituais, sobretudo dos ritos de passagem (Gennep, 2012, p. 19).

Desta forma, lendo Gennep compreende-se que, todos os processos rituais podem ser considerados como ritual de passagem. Nesse caso, o ritual Finka Firkidja tem o propósito de

proporcionar uma vida digna no mundo além morte. Para Gennepe, a realização do ritual de passagem varia de concepção de cada grupo social. Enfim, a nossa vivência segundo o autor, é uma mudança constante, pois, desde o nascimento até a morte que o ser humano passa de fases, posições, crenças, categoria social e tudo isso é uma passagem, como um ritual fúnebre, de uma estação a outra.

Destaca-se que comportamento o ritual humano está ligado a uma manutenção da memória coletiva e individual dos membros de um grupo. Ele ressalta que “Rituais são memórias em ação, codificadas em ações” (Schechner, 2012, p. 49), citado por Da Costa (2013) que também aponta que quando Schechner define ritual como “memórias em ação” ele traz as implicações de uma memória viva, ou seja, que não está somente nas lembranças ou no plano das ideias, mas está no corpo, nos objetos e nos símbolos ou códigos utilizados ao longo do ato ritual (Da Costa, 2013).

Para Rodolpho (2004, p. 139-140), “o ritual mostra as formas convencionais e estilizadas para organizar certos aspectos da vida social”. Continua o autor, “todos os grupos sociais possuem acontecimentos ou eventos que consideram especiais e únicos; entretanto, as sociedades fazem isso de formas diferentes”. Nesse sentido, podemos entender que, o ritual tem grande importância nas nossas vidas cotidianas, para resoluções de conflitos e reprodução das relações sociais. O rito de passagem na comunidade Mandjaco é uma forma de valorizar as categorias existentes no desenvolvimento do ser humano. É também para agradecer os ancestrais que iniciaram com essa prática, o que permite uma comunicação entre os ancestrais e a comunidade na base da convivência e relação com outros grupos sociais.

Os que participam do rito de passagem, recebem um conhecimento especial que lhes permite a terem mais socialização de forma a interagir com outras pessoas, como afirmou, Arnold Van Gennepe (2012, p. 18):

Os jovens não só aprendem os modelos mais básicos do seu sistema, mas fazendo isso, descobrem uma forma alternativa de viver socialmente num mundo onde as famílias e as crianças desaparecem e com elas as diferenças que constituem a principal raiz dos seus conflitos cotidianos. Por isso, as iniciações e os períodos liminais são formas paradoxais. Ao mesmo tempo que inculcam valores e reprimem sentimentos, elas também apontam na direção de sistemas de comportamento alternativos.

Deste modo, é visto que há muita necessidade dos jovens participarem dos processos identitários como ritos de passagem tais como circuncisão, casamento [...], porque os rituais proporcionam um grande aprendizado e reconhecimento da sua identidade cultural.

## 7.1 FINKA FIRKIDJA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E SABERES TRADICIONAIS

O debate sobre o ritual de Finka Firkidja dos mandjacos não foge daquilo que é um elemento cultural e tradicional desse povo. Entendemos a produção dos signos e significados e a forma como dão sentidos as todas as manifestações que fazem parte do seu dia-dia. Esses conhecimentos são transmitidos e seguidos por meio de ritos e passados de geração em geração, sendo uma forma de manifestação dos corpos assim como por meio da fala. Quanto ao elemento da tradição, o debate vai além daquilo que é a explicação do senso comum. Dessa maneira Bernardo de Jesus (2018, p. 25) mostrou que:

[...] tradição não define aquilo que é velho, ultrapassado e muito menos estático. As tradições, ou melhor dizendo, os saberes, são mutáveis, transmissíveis, podendo ser elaborados e reelaborados nos mais diversos contextos possíveis. O saber oralmente transmitido, fortemente característica de muitas culturas africanas é um belo exemplo dessa imensa bagagem que aportam os sábios (mestres griôs, anciões) que conduzem o saber endógeno de suas culturas, sem depender necessariamente de elementos propriamente estanques.

O autor demonstrou que a tradição não se define exatamente como algo velho, antigo e em desuso, mas também pode ser estudada, analisada e interpretada porque é passível a mudança e inovação, porque trata-se ações de sujeitos sociais e culturais dentro de uma cultura. Quanto a importância da fala como sendo parte do elemento cultural, não se faz diferente entre os mandjacos a questão da oralidade, sobretudo na transmissão dos saberes culturais por meio da oralidade. Para isso faz-se necessário analisar o conceito da tradição na perspectiva de A. Hampaté Ba (2010) na qual se apresenta a importância da tradição oral na preservação da identidade cultural e ancestral da África, e sobretudo o falar para manter as tradições e os saberes ancestrais em diversos aspectos, transmitidos de gerações em gerações.

O autor ainda avança mostrando que quando se trata de história africana, não podemos fugir da tradição oral que é a história transmitida através da oralidade, por uma família, de um pai ou mãe para o/a filho/a. Além de destacar que na antiguidade africana em que algumas sociedades viviam sem registros escritos, são ensinados de boca a ouvido pelos nossos ancestrais, através de contos, fábulas e ensinamentos, como de mestre a seus discípulos, ao longo dos séculos. Ainda destacou que a memória é o grande repositório de toda uma cultura, demonstrando que “os primeiros arquivos ou bibliotecas do mundo” foram o cérebro dos homens, e a tradição oral é grande escala da vida, e dela se recupera e se relaciona todos os aspectos, pois dentro da tradição oral, o espírito e o material não estão dissociados.

Esta memória é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação a arte, história, divertimento e recreação. Considera-se a fala como um presente de Deus para se continuar o ensinamento, a materialização ou a exteriorização das vibrações das forças que são importantes.

Enfim, ao falar da cultura e da tradição entendemos que são elementos presentes em várias culturas africanas e que constituem um conjunto de sistemas de conhecimento baseadas na vivência e na memória coletiva.

**Figura 2** - Representações de ancestrais (Baluguns)



Fonte: imagem cedida por Gilberto Pereira, com registros em 07 de Dezembro de 2024.

**Figura 3** - Cultura Material - Símbolos de Baluguns



Fonte: imagem cedida por Gilberto Pereira, em 07 de Fevereiro de 2025.



**Figura 4** - Registro de Firkidjas (esculturas)



Fonte: fotografia de Gilberto Pereira com Baluguns, em 07 de Fevereiro de 2025.

**Figura 5** - Registro de Baluguns em Bachil (residência do avô da autora).



Fonte: imagem cedida por Pedro Mendes, com registro em 28 de Novembro de 2024.

## 8 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos pretendidos, será feito o levantamento de cunho bibliográfico e de abordagem qualitativa. Através dos textos de livros e artigos científicos serão observados os fundamentos relacionados ao rituais do povo Mandjaco.

Para Creswell (2010), esse tipo de abordagem visa analisar e compreender o sentido que uma determinada sociedade concede a um fenômeno ou acontecimento que ocorre dentro dela. Em Gil (2008), por seu turno, a pesquisa bibliográfica é desenvolvida através dos materiais que já foram elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos, entre outros. Também serão feitas as entrevistas não estruturadas de modo a construir um diálogo mais aberto com os interlocutores. Prodanov (2013), destacou que nesta forma de entrevista não pode existir rigidez de roteiro; o investigador pode explorar mais amplamente algumas questões. Neste sentido, o pesquisador tem mais liberdade para desenvolver o diálogo com o sujeito da pesquisa e garantir a liberdade do mesmo durante a conversa. Nossas entrevistas serão conduzidas de maneira aberta com um grupo formado por 08 entrevistados<sup>13</sup>, sendo 04 anciãos e 04 anciãs líderes do ritual ou pessoas que já fizeram e vivenciaram a cerimônia de Finka Firkidja, como estratégia para tentar obter um conhecimento empírico do ritual.

Como procedimento de dados também decidimos trabalhar com as fontes visuais, imagens e registros fotográficos. Sendo assim, após um mergulho nos contextos da pesquisa procurarei estabelecer um diálogo mais aberto, na história oral, para que através da conversa seja possível entender os aspectos socioculturais. Após o processo de entrevistas partiremos para as análises e para a interpretação. Segundo Bardin (2010) o método de análise de conteúdos é um conjunto de técnicas metodológicas de análise das comunicações, que objetiva fazer a descrição do conteúdo, tanto quantitativos, qualitativo ou de qualquer natureza metodológica, o que nos permite uma investigação a partir deste modelo.

---

<sup>13</sup> Para a metodologia da nossa pesquisa, serão coletados/produzidos dados/informações através de entrevistas. Estas entrevistas serão realizadas à distância, em chamadas e encontros virtuais, a partir de um roteiro enviado previamente para os entrevistados, dentre os membros de famílias. Nossas entrevistas serão conduzidas de maneira aberta, em língua mandjaco ou guineense, com um grupo de 08 entrevistados, de diferentes níveis de escolaridade, sem ter em conta se são alfabetizados/as ou não. Importa-nos conhecer as suas experiências como líderes nos rituais, além de pessoas que já realizaram ou vivenciaram a cerimônia de Finka Firkidja. Para garantir uma melhor cobertura e aproveitamento na realização das entrevistas contarei com o auxílio, em Bachil e Bissau, dos meus primos Gilberto Pereira e Pedro Mendes, que já me ajudaram e continuarão a auxiliar nesse processo. Nas entrevistas alguns conceitos serão explicados em língua mandjaco e traduzido por crioulo pelos meus primos, de modo a facilitar o meu entendimento do sentido das palavras em língua mandjaco, para os fins da transcrição.





## REFERÊNCIAS

ARIÈS, Phillippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

BÂ, Amadou. Hampaté. **A tradição viva. História geral da África, 1**, 167-212 In KI-ZERBO, Joseph et al. História Geral da África–Vol. I–Metodologia e pré-história da África. Unesco, 2010.

CÁ, Imelson Ntchala. **Abordagens de ensinar português, língua segunda no contexto guineense de ensino médio e superior**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Brasília, Brasília. 2019.

CÁ, Lourenço Ocuni. **A Educação durante a Colonização Portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973)**, Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins, Campinas, SP, v. 2, n.1, out. 2000.

COSTA, Vladimir da. **Katchituran em Caió, Guiné-Bissau: o povo Mandjaku e a formação do imaginário étnico-social**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, no Instituto de Humanidades, na Universidade da Integração da Lusofonia Afrobrasileira – UNILAB. Acaraí - CE, 2022

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes. 3ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

DA COSTA, Grasielle Aires. **O conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner: análises e comparações**. Revista aSPAs, v. 3, n. 1, p. 49-60, 2013.

EINSTEIN, Carl. **Negerplastik (escultura negra)**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

FERNANDES JÚNIOR, Luís. **Religião como meio de resistência cultural na Guiné-Bissau**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, no Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês, na Universidade da Integração da Lusofonia Afrobrasileira – UNILAB. São Francisco do Conde, 2016.

IMVF Instituto Marquês de Valle Flôr. (vários autores). **Diálogos interculturais: um olhar sobre as raízes africanas nas comunidades remanescentes de quilombos do Estado do Maranhão, Brasil**, 2011. Disponível em [www.quilomboscontemporaneos.org](http://www.quilomboscontemporaneos.org) Acesso em 23.05.2025, às 18h05

JESUS, Bernardo Gomes de. **Manjacos da Guiné-Bissau: sobre discursos, cultura, saberes e tradições (período colonial e pós-colonial)**. Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História. UFRGS, Porto Alegre – RS, 2018.

LEISTER, Fátima Cristina. **Um prefácio a povos da Guiné-Bissau: o Boletim Cultural da Guiné Portuguesa (1946-1973)**. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARCONI, M. de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. São Paulo. Ed. Atlas S.A. 2010.

MENDES, Isnaba A. **O crioulo e contatos linguísticos na Guiné-Bissau**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês, na Universidade Internacional da Lusofonia Afrobrasileira – UNILAB. São Francisco do Conde, 2023

MENDES, Lazarinho U. **O Balugun no processo ritual dos Mandjacos de Calequisse na Guiné-Bissau**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, no Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês, na Universidade da Integração da Lusofonia Afrobrasileira – UNILAB. São Francisco do Conde, 2024.

MENDES, Paulina. **Entre os "Saberes locais" e o "Saber universal": A modernização das comunidades manjaco e a mandjição do Estado na Guiné-Bissau**. Tese de Doutorado em Pós-colonialismo e Cidade Global. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, 2014

MENDES, Virgínio Vicente. **Rituais de iniciação do povo Manjaco da Guiné-Bissau: Adivinho/Napene e Régulo Namantch**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades. São Francisco do Conde – BA, 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *Estudos teológicos*, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies: an introduction**. Second edition. New York & London: Routledge, 2006

VAN GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações etc.**; Tradução: Mariano Ferreira; Apresentação: Roberto da Matta. Editora Vozes: Petrópolis, 2012.

DA SILVA, Julia Ferreira; VARGAS, Thamyres Bandoli Tavares; JUNIOR, Renato Marcelo Resgala. **Evoluções e involuções da visão social da morte no Ocidente: a Psicologia hospitalar e sua atenção na terminalidade da vida**. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 9, n. 9, p. 2054-2072, 2023.